

MARIAZINHA MESSEDER: UM A VIDA CENTENÁRIA NO CONTEXTO DO NÚMERO JUBILAR DA REVISTA DE HISTÓRIA .

MARIA REGINA

do Departamento de História da Universidade de São Paulo .

O impacto da notícia estava na própria originalidade . Uma senhora completa 100 anos . Uma revista publica o número 100 .

Pergunta-se, onde ? Quando ?

O primeiro fato acontece na cidade do Salvador , aos 15 de dezembro de 1974 , onde Maria da Glória Câmara Messeder (d. Mariazinha), festejou na intimidade da família , o natalício centenário .

Foi uma festa sintonizada com a aniversariante : discreta , operosa , alegre , auditiva . Especificamente aberta à palavra de Deus . No sentido de uma prontidão absoluta , sem limites , ao Seu serviço naqueles que a procuram .

Essa atitude fundamenta a vida cristã , poder-se-ia captar no convite para uma ação de graças comunitária . Que se realizou às 11 horas , na Igreja de Nossa Senhora da Vitória (1) , matriz da pa-

(1). — *A Igreja de Nossa Senhora da Vitória*, um dos venerandos templos da capital , cuja religiosidade e popularidade , acionou a lenda de "um a igreja para cada dia do ano" ; pode ser considerada o embrião do bairro central , que lhe herdou o nome , Vitória . Nestes períodos justificase e lembra-se que , entre outras especificidades da história da Igreja de Nossa Senhora da Vitória , destaca-se uma lápide com a inscrição seguinte :

"Aqui jaz Affonso Rodrigues, natural de Óbidos o primeiro homem que se cazou nesta terra falleceo na era de 1561".

Pouca gente sabe e que se trata do primeiro casamento sacralizado , conhecido . O celebrante foi um dos dois padres franciscanos que , na companhia de Martim Afonso de Souza , pousaram em terra do patriarcado Caramuru . Oportunidade em que efetuaram batizado e casamento sem quas e todo o clã , inclusive duas das filhas do casal , Catarina (Paraguaçu) e Diogo (Caramuru) . (*In Documentos Históricos* . Rio de Janeiro , *Biblioteca Nacional* , vol . XXXVI ; Frei Odulfo Van der Vatten , *Princípios da Igreja no Brasil* , pág . 46) .

rôquia a quem e de . Mariazinha está vinculada . Ontem , participando ativamente das obras assistenciais , da assembleia dos fiéis . Hoje , no silêncio do amplo apartamento (2) , a obrigação da idade , soma-se e a vigilância da filha dedicada , do gênero invulgar . Fora deles , os dois , que a ampararam no retorno à Igreja , no dia do seu jubileu . Com humildade , aceitou a honra de uma poltrona junto ao altar , aguardando a chegada do sacerdote , para o início da Santa Missa , um a estupefante cerimônia comunitária . Pois , o padre e Frei Mariano Dukleman não ficou oficiando sozinho , dialogando com a comunidade e (comum unidade de Fé , de Amor e de Esperança) integrada pelo membro de uma mesma família , efetiva e afetiva . Conscientizado da carga do "tempo presente" , sugeriu-se e , todos concordaram , que se encerrasse a cerimônia litúrgica com *A Montanha* de Roberto Carlos .

Preúncio do re-encontro que se seguiu na chácara e m Brotas (3) , onde a festa e continuidade : almoço informal , serestas , fotos e mais fotos , com a participação de de . Mariazinha espantosamente lúcida e feliz . Do retrato para o álbum da família , destaque-se : um ampliado , parâmetro de uma rápida análise , no centro , a matriarca , de . Mariazinha e Frei Mariano , autêntico filho do Patriarca de Assis , simbolizando a fraternidade universal . Em categorias crescentes , em vagas indisciplinadas , nove trinetos , cinquenta e um bisnetos , trinta e seis netos , duas noras , um gênero e três filhos . Outra foto , lado a lado , de . Mariazinha , os filhos Augusto e Adriano , atrás a única filha Maria e de Lourdes e o marido Isaías Santos de Carvalho , considerado filho e irmão .

Dir-se-ia espantoso , mas não impossível que esses três filhos ativessem presenteado com noventa e um descendentes . Esclareça-se que do casamento de Maria da Glória Grass e Câmara com José Eduardo Coelho Messeder , na mesma capital baiana aos 17 de maio de 1840 , nasceram sete filhos (seis homens e uma mulher) , que lhe deram noras e netos . Aconteceu que "... à semelhança de Maria , Nossa Senhora" , ...) "José partiu o primeiro " (4) , ainda a quatro do sete e filhos . Mais um neto . Outros bisnetos .

(2). — Rua Banco dos Ingleses , n. 12 , 5º and. Salvador , BA.

(3). — *Brotas* , hoje um dos bairros mais residenciais da capital bahiana , ainda conserva algumas de suas chácaras . Remanescem da época em que significava um refúgio bucólico , para fins de semana , ou férias prolongadas . Lá do seu sítio , a criança de ontem , brincava de contar os saveiros do porto , do alto , parecia caixa de fósforos . Brotas baiana tem a parentescos com algumas de suas co-irmãs : Tremembé paulistana , Gávea carioca .

(4). — José Eduardo Coelho Messeder , faleceu em 24 de janeiro de 1947 . Seis anos depois da comemoração da "Boda de Ouro" , pois o casamento aconteceu aos 17 de maio de 1890 , na casa dos pais da noiva : Aristides Amâncio de Moura e Câmara e Elisa Adelaide Grass e Câmara , — na capital da Bahia .

Pergunta-se, qual o segredo dessa vida de 100 anos?

A resposta poderiá estar na mensagem enviada pela monja beneditina aqui de São Paulo (5), lida por outra neta, lá em Salvador, de quem se transcreverá o trecho seguinte:

"... hoje, todos
agradecem, 100 anos cheios de graça.
Só a graça brilha hoje:
todos nos reunimos
todos nos unimos
em ação de graças ao centenário de
Maria da Glória Câmara Messeder porque
como Deus queria,
o que Deus queria.
Ela soube com a Maria dizer sempre SIM.
(L. M.)" (6).

Quanto à segunda problemática consulte-se os ANAIS desta paulistana cidade, onde deve estar registrado o mesmo outro centenário: *Revista de História*, São Paulo, L (100), outubro-dezembro, 1974.

Detendo-se mais atentamente captar-se-ia a mensagem: periódico trimestral, de publicação ininterrupta, desde 1950, (ano do seu nascedouro), por obra e graça de um homem, seu diretor, fundador e mantenedor (esclareça-se que a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, forneceu o papel, sem nenhum privilégio, pois idêntica concessão abre-se a professores credenciados do seu muitos departamentos que se disponham a publicar periódicos. Todas as demais despesas correm por conta do editor).

Retomando o fio do código, pode-se sentir a realidade, do objetivo que, ontem e hoje, especifica na *Revista de História*.

"... oferece ao estudioso uma oportunidade de divulgação sistemática da pesquisa que o amara o estudo e a dedicação ao magistério o propicia..." (7).

(5). — Abadia de Santa Maria — a rua São Carlos do Pinhal, n. 42 4 — Bela Vista, 0133, São Paulo.

(6). — L. M. (Lígia Maria), filha do saudoso Carlos Lúcio Alves e da historiadora Marieta Alves, respeitadas no país e no estrangeiro. Dentre as muitas pesquisas originais, destaque-se a análise da séria "Armadores na Bahia no século XVIII", veem sendo publicada neste periódico. L. M. há mais de vinte e cinco anos, fez profissão monástica na Abadia de Santa Maria, recebendo o nome de Irmã Plácida Alves OSB.

(7). — Simões de Paula (Eurípedes), NOSSO PROGRAMA — *Revista de História*, São Paulo, I (1), jan.-mar. 1950.

Concientizado de suas limitações, Eurípides Simões de Paula, o fundador procurava desculpar-se :

"... a divulgação não possa corresponder, inteiramente aos anseios dos jovens pesquisadores, talvez pudesse encorajá-lo e estimulá-lo..." (8) .

Seria um paradoxo reproduzir tais idéias quando se foca o duplo centenário?

Sei lá, continuando a releitura de "Nosso Programa", topa-se com o posicionamento do editor ;

"... compreendendo a História com a "ciência do Homem", segundo o conceito de Lucien Febvre (9), estamos certos de que não nos faltará o apoio de quantos, no âmbito universitário ou fora dele cuidam de assunto sério e fundo histórico .

A largueza do nosso campo de ação permitirá acolhimento de trabalhos sobre quaisquer setores da História: econômica, social, política, religiosa, literária, filosófica, científica..." (10) .

— Objetivo concretizado, mas como ?

Consulte-se os *Índices da Revista de História*: volume I (do n.º 1 a o 40) — São Paulo, 1966 ; volume II (do n.º 41 a o 80) — São Paulo, 1970 e o volume III (do n.º 81 a o 120), em processamento editorial.

Ainda. A *Coleção da Revista de História*, ora de 50 volumes, cujos títulos estão na contracapa de cada número, montados na linha do periódico matriz : *Anuales* (Economie, Société, Civilisations) .

Mais ainda. Os *Anais* dos Simpósios bi-anuais da ANPUH (Associação Nacional dos Professores Universitários de História). O VII Simpósio realizado em Belo Horizonte, durante a Semana da Pátria de 1973, com a abordagem do tema fundamental: *A Cidade e a História*, instrumentada 3 volumes, com mais de 2.000 páginas ; que serão entregues aos seus assinantes na véspera do VIII Simpósio que se realizará em Aracaju, de 1.º a 7 de setembro de 1975 .

(8). — *Idem*.

(9). — FEBVRE (Lucien), *O homem do século XVI* (conferência), *Revista de História*, São Paulo I (1), 1950 .

(10). — Simões de Paula (Eurípides), *Nosso Programa*, *idem*.

Está aí um registro assim por alto, nem sequer tocando as estruturas.

— Trabalho de equipe?

Não. Mil vezes não. Registre quem é:

"o esforço, a tenacidade, o idealismo mais... o suor de um só homem. Exageradamente for a de série..."

Registre-se também quem é, talvez por tudo isso e mais algo, indefinível, ele, Eurípedes Simões de Paula, o diretor da *Revista de História*, o organizador dos Índices, da Coleção, dos Anais — ele próprio presidente da ANPUH, — vem sendo amado e respeitado por aquela gente, desde mundo de Deus.

Atesta-o a presença dos 48 colaboradores do *Número Jubilar I*, o qual poderia autenticar tanto a obra com o seu criador. Discreta-mente. Bem dentro do parâmetro traçado pelo seu organizador a quem assinara esta nota.

Informe-se quem dos intelectuais estrangeiros e nacionais convidados não se anota nenhum a recusa formal. Se não estão ali, todos os que se planeja reunir, culpe-se a precariedade dos endereços, calçados em algumas das cartas devolvidas ao remetente.

Operacionalmente, dizem por aí, haver colaborado na "Revista do Eurípedes", chegar à alta nível, enriquecer currículos universitários.

Enquanto a moçada analisa aqui e acolá, os estudantes mais cautelosos, começam os fichamentos, *avant-première*, dos seminários de estudos. Programados. Espontâneos. Eles, os mais numerosos, os mais sérios, os mais atuantes leitores.

Uma senhora faz 100 anos lá na Bahia.

Uma revista especializada, veicula o 100º número aqui em São Paulo.

— Onde a interdependência?

— Não se trata, Deus nos livre se o fosse, de manchetes sensacionais, de capítulos de novelas a ser escritos.

Muito menos do início de uma série de biografias promocionais, laudatórias. De gente. De instituições.

Risco que se não poderia correr, menos ainda nesta época de marcante contestação. Que atinge, também, o modelo da Antiguidade Clássica, e em que o gênero biográfico era super-valorizado. Não extre-

mo oposto, agrupam-se os mais estremados, que rotulam a biografia de peça acessória, ou a ignoram.

"Nem oito, nem oitenta", argumenta a direção desse periódico, formando a o lado daquele que endossa a concepção de que:

"... a biografia pode ser altamente interessante para o historiador, na medida em que permite compreender o estilo geral da vida da época, ou ainda uma atitude e humana particularmente expressiva diante de certos valores morais ou sociais" (11).

Recordando a lição do Mestre uspiiano, uma tentativa de análise:

MARIAZINHA MESSEDER Centenário	o	REVISTA DE HISTÓRIA
Salvador. BA. (dezembro	, 1974)	São Paulo. SP.
100 anos 10		0 número
1 vida 1		instituição.

Com a postulação acima a sugestão de inserir o centenário de Mariazinha no contexto da época, através de um eventual mediador, a *Revista de História*. Concientizando-se de que, colocar problema seria uma outra maneira de concluir.

Entretanto, elementos novos acionaram a retomada da análise histórica. Ei-los: o *facsimile*, autenticado de um documento precioso (12). Um a das muitas mensagens impressas na oficina tipográfica da Abadia de Santa Maria, valorizada como o autógrafo de aniversariantes e centenária (13). Mais uma renda de *crochet*; confeccionada por aquelas mãos, incansavelmente laboriosas (14).

Foque-se a certidão de batismo que o *clichê* reproduz. Apenas 11 linhas datilografadas, mais a assinatura do responsável, sob o selo de autenticação que é o mesmo do papel, timbrado, da Secretária Eclesiástica de São Salvador da Bahia. Instrumenta o seguinte fato:

"Certifico, que, do livro n. 19 página 65 de batizados da freguesia de S. Pedro, consta o assentamento do teor seguinte: / —

(11). — GOLDMAN N (Lucien), *Ciências Humanas e Filosofia*. (Trad. de Lup e Cotrim Garaud e J. A. Gianotti), São Paulo, Difusão Européia do Livro, 3.ª edição, pág. 24.

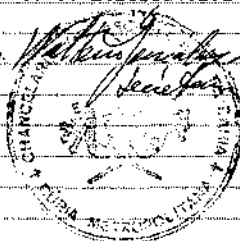
(12). — Certidão de batismo de Maria da Glória (28 de março de 1875) expedida pela Secretária Eclesiástica de São Salvador da Bahia.

(13). — Maria da Glória Câmara Messeder. 15 de Dezembro de 1974.

(14). — Como recado de que a cor amarela, sempre preferida, é a cor da Divindade (de todas as cousas belas, todas as flores tem um ponto amarelo).



Secretaria Eclesiástica de S. Salvador da Bahia

1.º Certifico, que do livro nº 19 página 65 de batizados da fre-
2.º guesia de S. Pedro, consta o assentamento do teor seguinte: /
3.º -28 de março de 1875- "Item a Maria da Gloria, branca nasci-
4.º da em quinze de Dezembro do anno pº pº, filha legitima de /
5.º Arestides Amancio de Moura e Camera, e Da Elisa Adelaide /
6.º Gasse Camera. Forão Padrinhos o negociante João Soares Cha-
7.º vas, e Nossa Senhora, tocando a corôa, o Tenente Coronel Jo-
8.º se Joaquim Rodrigues Saldanha. Vigrº Pe. Raym^{do} Jf de Mattos."
9.º -Era o que se continha. E dou fé.-C. Eclesiástica de Salva-
10.º dor, 24 de abril de 1968.
11.º *M. M. Mattos*
12.º 
13.º
14.º
15.º
16.º
17.º

28 de março de 1875 — "Item / Maria da Gloria, branca nascida em quins e de Dezembro do anno pº pº, filha legítima de / Aristides Amand e Moura e Camera, e Da . Elisa Adelaid e Grass e Camera, Forã o Padrinho so negociante João Soares Chaves, e Nossa Senhora, tocando a corôa, o Tenente Coronel José Joaquim Rodrigues Saldanha, Vigrº Pe . Raym.d o J.e. d e Mattos." — Era o que se e continha . E do u fé . Curi a Ecclesiastica d e Salvador.

a) Mons . Walteri o Gonçalves .(15)
Secretario.

Sente-se um texto de riqueza a ínsuspeitada . Com mais de um a vertente . Leitura ideológica . Análise estrutural . Preocupação fundamental o relacionamento da mensagem, aos valores institucionais de uma época bem caracterizada . Bem próxima no tempo histórico . Com uma bem outra *utensilagem mental*, na trilha aberta por Lucien Febvre (16),

Especificamente a o se focar o ângulo cultural do último quarto do século XIX . Na vertente em que os homens tinham a sua etiqueta burocrática, através da s certidões individualizantes, de títulos de proprietários de terras, fornecidas pelo s arquivos paroquiais (17) . Esse sentido cultural do s arquivos eclesiásticos para a tentativa de interpretação de alguns aspectos do passado histórico do Brasil, vêm sendo enfatizado, a o que se e saiba, a partir do II Simpósio da Associação Nacional dos Professores Universitários de História (ANPUH), realizado em 1968 (18) .

(15). — Por ora não se conseguiu decifrar a assinatura completa do Monsenhor Secretário da Cúria Ecclesiástica de São Salvador .

(16). — FEBVRE (Lucien), *Le problème de l'encyclopede e a u XVIe siècle (La religion de Rabelais)* — coloca, entre outras problemáticas, a da eventual possibilidade do ateísmo no século XVI . Posicionamento que e equivalente a uma revolução nos métodos da História das Mentalidades . Porquanto a "histoire événementielle", à história amarrada a o conhecimento, colocada à História instrumental, em que se e objetiva estudar a estrutura mental de uma época . Seria o estudo de que ele próprio chama, *utensilagem mental* de uma época .

(17). — Compare-se : *Constituição Política do Império do Brasil*. Rio de Janeiro, Typ. Nacional Título s 2º 8º, 3 : 4 : 5 : 41 ; 1824 e a *Constituições da República Federativa do Brasil* (com a s emendas constitucionais — Título II, art. 145) Brasília, D . F . 1972 . Aquelas que praticam o artesanato da História sabem da fundamental importância do s arquivos eclesiásticos, para a abordagem do passado histórico de nossa terra, pois o registro civil, foi criado pelo art. 2º da lei n . 1829, de 9 de dezembro de 1890 . Enquanto que o Código Civil Brasileiro, promulgado em 1916 pelo então Presidente Wenceslau Braz, entrou em vigor a partir de 1º de janeiro de 1917 .

(18). — SIMÕES DE PAULA (M . R . C . R .), As fontes primárias existentes no arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo (Capital) *Anais* do II Simpósio da ANPUH, São Paulo, 1966 .

Outrossim, numa perspectiva mais ampla, lembre-se e a advertência de Cinzio Violante, professor catedrático da Universidade de Piza, numa das sessões do XII Congresso Internacional de História, realizado em Viena d'Austria, em 1965. Oportunidade em que defendeu a tese da operacionalidade dos arquivos paroquiais, também para a compreensão da mentalidade dos camponeses, e em suas andanças do campo para o centro urbano, sede da paróquia (19).

Reflexões assim foram surgindo, num atropelamento de imagens, no momento em que Kadja Cristina Grimaldi Guedes, pós-graduanda da área de História Social do Departamento de História da Universidade de São Paulo, ora portadora da lembrança acima destacadas, confienciava suas próprias impressões. Captadas pela sensibilidade da jovem bahiana que, familiarizada com os cientistas sociais, soube encaminhar a entrevista para algumas datas rupturas da História do Brasil. Ei-las, passíveis de crítica, aceitas *a priori*, 1888, 1889, 1929.

Assim consegui um emocionante *flash* sobre a vida dos escravos, em que e ainda menina, Mariazinha recusou locomover-se na cadeirinha de aluguel, amarrada nas costas dos pretos velhos.

Lembrou-se da festa da Proclamação da República Federativa do Brasil, na então Província da Bahia, apesar de notícias desencontradas, conflituosas sobre o evento.

A crise sócio-econômica de 29, encontrou-a na cidade do Rio de Janeiro, onde e residiu dezessete anos (1915 a 1929) em função da atividade comercial do seu marido que, de correto e geral, chegou a ocupar o cargo de Diretor da Associação Comercial da Bahia.

O diálogo não foi, nem poderia haver sido, pautado por uma cronologia rígida.

Dona Mariazinha lembrou-se que esteve na Europa, logo depois de casada,

"Em 1894, lembrou-lhe a filha solícita, que também procuro ajudar na lembrança das impressões de Lisboa, Roma, Londres, Paris e, mais saudosamente, dos santuários de Lourdes e de Fátima. Supreendentemente foi a própria "Vó" centenária que me lembrou do nome e de duas de suas ex-professoras: Elis Ramo Costa e Maria Amália Ramo Costa, do Colégio do Pontão da Piedade".

(19). — Cf. Eurípides Simões de Paula, *Algumas considerações em torno do XI Congresso Internacional de Ciências Históricas*, in "Revista de História", nº 63, vol. XXXI, julho-setembro de 1965, p. 193.

Aqueles que ouvira m a narrativa de Kadja, repetida aqui e acolá, acabaram por senti r o imperativ o d e u m projet o d e pesquisa . Opera - cional . Num a perspectiv a diacrônic a cuj a etap a primeir a seri a a busc a de depoimentos , informações , sugestões , colhido s n a intimidade d a famí - líia , e m mutirões de trabalhadores , no s relatos dos cronistas de loca - lidades be m caracterizadas . Discretamente , co m equipament o d e gra - vadores camuflados . Ne m seri a precis o qu e s e buscass e encontra r — a maneir a das "gincanas " — velhos d e ce m anos , o u quase . Estud ar - se-ia , selecionar-se-i a un s pouco s valore s capaze s d e detecta r *aquela gente* portador a d e u m a mensagem , d e u m código . Qu e num a reto - mada d e análise , procurar-se-i a encaixar no context o d a própri a vida .

Tendo present e qu e a *Revista de História* ve m passand o por r e - formas estruturais , poder-se-i a sugeri r que , na s sessõe s existente s o u não , eventualment e programadas , houves s e mai s um a abertura . Par a a pulsação de u m instrument o de pesquisa vinculad o diretament e à co - munitad e , a preservaçã o d e seu s autêntico s valore s . Seja m o s chama - dos dialeto s caipiras , manifestaçõe s culturai s tradicionai s . O u e , mai s ainda , depoimentos de *gente* mesmo .

Instrumento de trabalh o qu e não é , ne m precisari a foss e inédito . Pois j á s e conhece m o s Arquivo s Falados . O dimensionament o d a História Oral . D a Memóri a Históric a . Conta-s e qu e e m recent e se - minário realizad o n a antiqúissim a Universidad e d e Toulouse , adver - tência houve , par a um a Históri a d o Temporo Espacial .

Argumentar-se-ia apena s n o imperativ o d e u m planejament o d e roteiros . O u melho r d e efetiv a interdiseiplinariad e d e trabalh o , qu e as página s dess e periódic o trimestral , poderi a m reuni r , u m outr o epi - centro operacional .

Em chegand o a o pont o fina l dest a s notas , tentar-se-i a responder , com um a ousadi a se m limite s , a o poeta maior que (20) :

"*A uma senhora que completa cem anos*" não se dá nenhu m pre - sente . Poi s é ela própria , nest e cas o específico , don a Mariazinh a Mes - seder , que m está dando a toda gente , à *Revista de História*, periódic o trimestral , d e número centenário , o *presente* de um a idéia , um a gran - de idéia .

(20). — DRUMMOND D E ANDRAD E (Carlos) , A um a senhor a e m seu aniversário . *Poemas Completas e Prosa*. Ri o d e Janeiro , Bibliotec a Luso - Brasileira , 2a . ed . pág . 1258 ; 1973 .

("... A um a senhor a qu e complet a ce m anos , qu e present e s e dev e dar : os descobrimento s n o espaço ? O s descobrimento s n o coraçã o d o átomo ? Can - ções novas ? Filosofi a mai s sábi a qu e a s j á tentada s e desaprecidas ? ..." .